



# DEBATES

7  
FFDD  
7 7 T  
7 7 C  
7 7 U

**E DEPOIS?:  
DE QUE NOSSA HERANÇA  
NOS TORNA CAPAZES?¹**



ISABELLE STENGERS

*Professora da Université Libre de Bruxelles*

TRADUÇÃO

*Cecília Campello do Amaral Mello (IPPUR / UFRJ)  
e Vladimir Moreira Lima (IAP / UERJ)*

Herdar, quantos sentidos para essa palavra! Podemos herdar sem saber o que herdamos ou sem termos o menor pudor – ou então pensando sermos capazes de fazer tábula rasa. Podemos também incitar alguns para que herdem – por exemplo, herdar de nossos ancestrais os gauleses – ou tentar persuadi-los de que a herança à qual se ligam nada mais é do que um peso que os paralisa. Podemos ainda elevar o que herdamos ao estatuto de patrimônio da humanidade – nossa tarefa, assim, consistirá em fazer com que todos os humanos desta terra herdem...

De fato, o texto que introduziu nossos debates se valeu de pensadores acima de qualquer suspeita – Benjamin, Bernanos, Derrida; cada um ao seu modo conjuga a herança com uma escolha que não exige nada mas obriga, e que, muito mais do que nos pertencer, responde a um apelo, a um impulso, a uma violenta eleição. Mas eu gostaria aqui de lembrar dessa observação bem conhecida de George Canguilhem, historiador da biologia e da psicopatologia: “Quando saímos da Sorbonne pela rua Saint-Jacques, podemos subir ou descer; se subimos, nos aproximamos do Panteão, que é o Monumento onde estão alguns grandes homens, mas, se descemos, nos dirigimos diretamente para a Delegacia de Polícia”<sup>2</sup>.

Talvez essa estranha bifurcação entre subir e descer não caracterize apenas aqueles que estudam o espírito humano, ela também pode ser estendida à questão da herança – em todo caso, tal como a questão se coloca entre nós. Algumas vezes cuja elevação é indiscutível nos convocam a meditar sobre o sentido e a responsabilidade dessa questão. Mas condenam certamente a maior parte a despencar ladeira abaixo, transformando aquilo a que atribuímos importância em um argumento normativo pronto para acionar o braço armado do Estado. Não é em seu nome que vozes ressoam sob o modo da intimação, talvez mesmo sob o modo da imprecisão, nos ordenando a não trair as Luzes, denunciando aqueles e aquelas que às vezes chegam a ser tratados como *Munichois*<sup>3</sup>, trairdo seus valores em nome de uma paz ilusória?

Dirão que nossa herança é exigente. Quanto a mim, diria que ela é perigosa, altamente seletiva e suscetível de autorizar em toda boa consciência, em toda inocência, uma verdadeira caça às bruxas – e penso aqui na violência midiática ocorrida muito recentemente cujo alvo foi Houria Bouteldja, porta-voz dos Indígenas da República. Penso também naquilo que fez com que as herdeiras das lutas feministas gritassem “não em nosso nome” quando viram os defensores dos “direitos das mulheres”, recrutados tão recentemente, transformar o que havia sido conquistado em uma herança consensual, de que todo ser humano bem-pensante pode tirar proveito – mesmo que, para que sejam respeitados, seja necessário descer em direção à delegacia de polícia.

280

Talvez seja por isso que, enquanto mulher e enquanto filósofa, eu não queira cultivar a mínima piedade diante de nossa herança, mesmo que ela tenha me alimentado. Eu preciso lembrar da incontornável autoridade, disseminada em tantas demonstrações filosóficas, acerca da incapacidade das mulheres se elevarem à altura das exigências da filosofia. Como Virginia Woolf, em seus *Três Guinéus*, quero guardar uma memória longa e lenta, não para denunciar, mas para não aderir. “Jamais paremos de pensar”, escreve ela, “em que consiste esta ‘civilização’ em que nos encontramos?”<sup>4</sup>.

Em *Três Guinéus*, Virginia Woolf prevenia as mulheres que, dali em diante, teriam acesso às instituições e às carreiras onde nossa herança é transmitida: “precisamos pensar”. Ela ousava considerar, inclusive, queimar essas grandes universidades – Oxford ou Cambridge! – capazes de transformar seus irmãos em seres ao mesmo tempo submissos e violentos, ávidos por reconhecimento e capazes das piores brutalidades se os ideais abstratos que sustentam suas identidades são contestados. E, entretanto, como eu, Virginia certamente era uma filha das Luzes, nem fiel, nem infiel, mas se recusando confiar nessa herança. Recusando-se também a fugir em direção às alturas desencarnadas onde se faz uma piedosa meditação sobre as aporias insuperáveis da existência humana.

Precisamos pensar: do que, hoje, aquilo que nós herdamos nos torna capazes? Esta questão ganha, atualmente, uma significação totalmente nova. Seria possível dissociá-la da maneira pela qual nós enfrentamos a questão “e depois?”, posta por

esse encontro; uma questão que desafia a imaginação, a nossa em todo caso, sobretudo nesse momento em que está sendo cada vez mais documentada de forma precisa e sombria pelos climatólogos. Nós podemos saber, graças a esta ciência (que também faz parte de nossa herança) que não estamos diante de uma crise, isto é, de algo transitório. Os gases do efeito estufa que são ininterruptamente emitidos em quantidades cada vez maiores permanecerão na atmosfera durante séculos.

Quando penso, hoje, em nossa herança, é o contraste entre esse saber e nossa consternação coletiva o que me arrebatava. E a questão que me assombra não é, então, aquela das gerações futuras, questão bem abstrata, mas sim aquela das crianças nascidas nesse século, que conhecerão o que nós não podemos imaginar. O que podemos lhes transmitir? Como falar para elas sobre o que herdaram de um tal modo que possa significar algo diferente de uma maldição? Cada geração pode certamente dizer a seguinte: “Nós não podemos saber o que lhes aguarda, vocês terão que se virar”. Mas o que temos a lhes dizer é muito diferente: “Nós sabíamos o que lhes aguardava e deixamos acontecer”.

Mais que meditar, talvez convenha aceitar a prova que consiste em escutar aqueles que não pertencem a essa civilização em que nos encontramos, mas que possuem algo a dizer a respeito do que nós somos capazes. O xamã e líder político Yanomami Davi Kopenawa, pertencente a um povo caracterizado pela antropologia moderna como “animista”, observa que “os brancos dormem muito, mas só sonham com si mesmos”<sup>5</sup>. Estranha inversão de leitura, pois nossa civilização relegou os animistas a um regime de pensamento dito primitivo, porque atribuiriam às coisas, vivas ou não, uma experiência, até mesmo um pensamento que, é claro, pertence apenas aos humanos. E eis que a caracterização se inverte: nós somos aqueles orgulhosos de ter aprendido a aceitar que até mesmo nossos sonhos só falam de nós mesmos. Até quando sonhamos com um mundo em que os animais seriam respeitados, imaginamos esse respeito de um modo que só faz sentido para nós – em termos de direitos a lhes conferir, mesmo que para isso tenhamos que descer a ladeira que nos leva à delegacia de polícia, depois ao tribunal. Ainda mais uma vez.

Parece-me que Davi Kopenawa não se engana. A moda intelectual que, hoje, nos propõe pensar o desastre que nós deixaremos como herança para nossas crianças através do tema do Antropoceno é testemunha disso. Antropos, o Homem, teria hoje conquistado o estatuto de força geológica. Ele involuntariamente prejudicou o que desfrutávamos, entendendo como algo adquirido: o regime climático relativamente estável e temperado da época chamada Holoceno.

Antropos, o Homem conquistador, havia definido a natureza como aquilo que ele estava livre para transformar, devastando-a profundamente. Até o fundo do oceano está poluído por plástico. Muitos dentre nós lutaram contra esta devastação, falaram da necessidade de preservar nosso patrimônio comum. Mas hoje descobrimos um outro aspecto do que chamamos natureza. Esta natureza com que nos defrontamos hoje não é frágil, vulnerável e não está à nossa disposição;

trata-se, antes, de uma potência temível, e é com ela que será preciso, se formos capazes, aprender a compor – e *não no tempo de uma crise, mas para sempre*.

Davi Kopenawa não se engana, os Brancos só sonham com si mesmos. E esse sonho quer que sejamos incapazes de aceitar o que está acontecendo. Sim, nós sabemos, mas não podemos nos impedir de pensar que trata-se apenas de uma crise, que um dia tudo entrará novamente na ordem humana. Antropos sonha hoje com aquilo que se chama geo-engenharia, que o tornaria capaz de domar o clima e também, por que não, capaz de regenerar uma Terra esgotada, envenenada, que entrou em um período que, para os paleontólogos, seria aquele da sexta extinção em massa. O Antropoceno é a Era do Homem que, tendo tomado consciência de seu poder, deveria assumir a gestão do planeta. Como se houvesse a mínima equivalência entre o poder de desencadear dinâmicas potencialmente irreversíveis e o poder de controlá-las, entre o poder de destruir e o de reparar.

Não gritemos mais uma vez, não protestemos afirmando que nós não somos Antropos. Antropos faz parte de nossa herança. Nós o herdamos a cada vez em que lemos sem nos espantar, na escola ou em um livro de vulgarização, esses relatos épicos em que “o homem” é o sujeito – “o homem”, sonhando isso ou descobrindo aquilo, ou se aceitando só em um mundo mudo, ao contrário dos povos supersticiosos. Não repitamos, segundo o filósofo Kant, que o homem adulto abandonou as muletas de suas superstições, que ele ousou fazer uso de seu entendimento. Esse homem, de pé sobre suas duas pernas, estudando as estrelas ao invés de venerá-las, é Antropos.

282

Antropos, então, faz parte de nossa herança. E essa parte de nossa herança não é capaz de aceitar o que se anuncia. É preciso uma história que seja digna dele: seja estando à altura do desafio, silenciando aqueles que ele chama de “catastrofistas”; seja engendrando uma história trágica, que será aquela da punição por sua audácia, ele que soube sonhar em se emancipar daquilo que o vincula à Terra. Será, então, *game over*, como dizem os americanos: o jogo acabou mas a honra está salva. Nós não teremos traído o nosso destino, mesmo se o preço for tornar a Terra inviável para uma grande parte daqueles que a habitam – as formigas e os cupins talvez sobrevivam, sem dúvida até mesmo alguns roedores e, certamente, o imenso povo das bactérias.

Nada é mais obsceno que esse *game over*, com essa data que nos deixa siderados, 2050, quando, aprendemos, saberemos se passaremos ou não o limiar fatídico a partir do qual nada mais impedirá a temperatura média da terra aumentar muito além de dois graus. Como se a cortina caísse. Como se não houvesse mais nada a fazer. E nada a fazer uma vez que nós passaríamos a viver em um mundo que não nos promete mais nada, um mundo sem futuro, para além de toda redenção. Nossa última grandeza será reconhecer que fomos julgados e punidos. E isso é obsceno porque, mais uma vez, isso nos permite ainda ocupar todos os lugares, sonhar apenas com nós mesmos. “Nós fomos julgados” – como se uma verdade estivesse em jogo em um processo que implica tantos seres vivos, humanos e

não humanos, que não estavam preocupados por essa verdade, em um processo cego quanto às razões que podemos lhe atribuir.

Então, a questão talvez não seja aquela de promessas ou ausência de promessa de futuro. Talvez não haja mais futuro. E é essa exatamente a prova à qual nós nos confrontamos. Aquilo que nós herdamos pode alimentar nossa capacidade de nos desintoxicar dos sonhos do Antropos? Poderá nos ajudar a tomar partido, apesar dele, das maneiras de viver e de morrer com aqueles, os outros seres terrenos, humanos e não humanos, que continuarão a viver, custe o que custar, em um mundo em ruínas? E isso *sem ter necessidade de promessas*.

É certo que a maior parte dentre nós em breve estarão mortos, bem rápido para escapar ao pior. Alívio covarde. Mas é diante das crianças desse século, essas crianças que conhecerão aquilo de que conseguiremos escapar, que se trata de pensar. O que implica conferir o poder de nos fazer pensar na probabilidade deles nos amaldiçoarem ou, pior, zombarem da evocação de nossos sonhos. É por eles, com efeito, que seremos julgados. Eles não meditarão mais sobre sua herança, mas se arriscarão, nas ruínas, em prolongar o que nós aceitamos hoje: por exemplo, a necessidade de nos mobilizar para aumentar nossa competitividade. O que significa, na guerra econômica global, ganhar partes do mercado que outros perderão. Azar dos vencidos. Cada um por si na grande competição em que se afrontam os indivíduos, as regiões, as nações, os continentes.

Deste modo, a questão da herança se coloca para mim diante daqueles e daquelas que, de qualquer maneira, estão condenados a viver nas ruínas deixadas pelos sonhos do Antropos, a ruína do conjunto daquilo que se supunha nos defender contra a sorte de todo ser vivo: a precariedade. E não falo aqui da precariedade imposta pela competitividade que faz reinar o medo de perder o seu emprego ou o temor de que nossa aposentadoria não nos permitirá viver dignamente. Essa precariedade já nos é familiar, mas nós soubemos impô-la a partir de cálculos humanos. Eu penso em uma precariedade mais radical, contra a qual não há mais nada a protestar pois ninguém estará presente para responder a esses protestos. É essa a precariedade que muitos povos sobre essa Terra conhecem, e talvez estejam melhor equipados para vivê-la pois evitam o desespero de ver desaparecer aquilo que tomavam como o que lhes é devido. Mas é justamente essa precariedade que se tratará de aceitar como horizonte para vidas dignas, apesar disso, de serem vividas. Pois se nós deixarmos às crianças desse século, e aos seus filhos, apenas a memória de nosso desespero e de nossa impotência, nós lhes deixaremos uma herança envenenada, feita de sonhos decepcionados e de ressentimento. O “e depois?”, é agora que é preciso pensar, pois sua imaginação se alimentará dos aprendizados, dos relatos, dos possíveis que nós teremos sido capazes de compartilhar com eles quando nos colocarem a questão: “Vocês sabiam. O que fizeram?”.

Os ativistas, sobretudo nos Estados Unidos, fazem do *reclaim* a sua bússola. *Reclaim*, que vem do francês “reclamar”, quer dizer recuperar, no sentido de lutar mas também de se reapropriar e de curar – pois eles aprenderam que a luta seria



estéril se ela não se acoplasse ao aprendizado daquilo que demanda uma cultura da interdependência, onde cada uma e cada um se torna capaz de imaginar, de agir e viver graças aos outros, com os outros e também se arriscando diante dos outros. *Reclaim* é regenerar a capacidade de fazer existir nas lutas do presente os vínculos e os pertencimentos que foram destruídos para que exista Antropos. Isso significa lutar contra ou a favor de nossa herança? É aprender, em todo caso, a se curar de seus venenos.

Esse tipo de aprendizado não tem nada de exótico. Ele acontece, hoje, em um lugar que não está tão longe de vocês. Uma vez que eu havia aceitado o convite do Fórum Philo du Mans, não pude comparecer à Notre-Dames-des-Landes, onde estão convergindo nesse momento pessoas que se definem como “oriundas do mundo dos livros, das letras e dos saberes”. Essas pessoas não sabem o que advirá da herança que as alimentou e que também alimentou os sonhos de Antropos. Mas elas sabem que o que se aprende em Notre-Dames-des-Landes é vital. Pois nesse lugar, aqueles e aquelas que resistem assumiram que seu futuro está em ruínas e não mais descendo a ladeira que vai do Panteão à delegacia de polícia. Em Notre-Dame-des-Landes está se fabricando a herança que poderá ajudar as crianças de hoje a sonhar outros sonhos, diferentes daqueles de Antropos.


Tendo em vista que não pude estar lá, disse a mim mesma que poderia fazer escutar aqui o que nos diz um grupo de ocupantes que se denomina “Coletivo Tropa Errada”. Eis aqui alguns trechos de um texto que disponibilizaram online no dia 12 de outubro de 2016<sup>6</sup>.

*Enquanto escrevemos essas linhas, o barulho do helicóptero tenta quebrar nossa concentração. Ele gira, infelizmente cotidianamente, lá onde os aviões não voam, espalhando seu rumor de guerra e reconquista. Ele espia e busca impressionar. Às vezes, ele se vira ligeiramente de lado para melhor nos observar. Ele está surpreso com a ronda dos tratores que há alguns dias depositam fardos de feno nas encruzilhadas? Com os comitês de apoio que vem identificar os lugares mais estratégicos para levantar suas barricadas? Com as formações que, a cada fim de semana, reúnem mais de cem pessoas que chegam para se preparar para as expulsões anunciadas? Talvez se surpreenda ainda mais com todos esses gestos que perduram. Sylvie e Marcel que cuidam do seu rebanho, as colheitas de trigo sarraceno, uma festa que celebra as colheitas de batatas, oitenta carpinteiros trabalhando na estrutura de um gigantesco hangar ou uma biblioteca recentemente inaugurada. Seu olhar pode abarcar, com os 2.000 hectares, toda a riqueza da vida que os povoa? É essa riqueza que eles pretendem destruir no próximo mês. . .*

*Se é vital para os governantes esmagar a zad<sup>7</sup>, é porque ela constitui uma demonstração insolente de uma vida possível sem eles. E uma vida melhor. Pois aqui, a expressão “zona de não-direito”, que eles consideram apavorante, tomou uma acepção radicalmente positiva. Contrariamente ao que existe nas ruas das cidades policiadas, na zad ninguém dorme ao relento e cada um come segundo sua fome. Grandes dormitórios acolhem os que chegam, um “não-mercado” semanal disponi-*

biliza os legumes, a farinha, o leite, o pão e os queijos produzidos no local sem que um preço venha sancionar seu valor. Nas muitas infraestruturas coletivas, mas também nas trocas ou nos trabalhos coletivos, as relações se baseiam na confiança e na ação comunal, o inverso das lógicas em curso que se apoiam na suspeita e no individualismo. Isso que os cínicos de todos os lados taxam de utopia irrealizável está provada nos gestos e na matéria. Mesmo a ausência de polícia e de justiça – os policiais não frequentam mais a zona desde 2013 – não produziu o caos que alguns teriam imaginado e desejado. Os opositores ao aeroporto demonstraram que são capazes de viver em grupo sem nenhuma tutela, subjugando-os. Pacientemente, uma comunidade de luta emergiu, unindo os vínculos tecidos para resistir tanto aos ataques quanto ao apodrecimento. Evidentemente, tudo isso não ocorre sem choques, tão desabituaados que estamos para decidir sobre nossos devires. Nós reaprendemos, aprendemos, e nada é mais alegre e apaixonante do que mergulhar nesse desconhecido.

Se novamente for preciso tomar as trilhas da guerra para defender esse lugar, seremos muitos a fazê-lo, aqui e em todo lugar. Foi o que mais uma vez afirmamos conjuntamente quando ocorreu a grande manifestação de 8 de outubro. Sacamos nossos bastões e selamos esse juramento: defenderemos esse lugar como se defende a própria pele; policiais, soldados, políticos profissionais, vocês podem vir demolir as casas, abater o rebanho, destruir os arbustos que delimitam nosso território e as florestas, mas não se enganem: o fim de seus mandatos não será suficiente para extinguir o que vocês incendiarão em Notre-Dames-des-Landes.

Aquelas e aqueles que leem esse texto sabem o que aconteceu em Notre-Dames-des-Landes. O que quer que tenha ocorrido, será um começo, pois nada pode deter aquele que reaprende a criar a vida e a alegria dentro das ruínas. 

## NOTAS

<sup>1</sup> Este texto foi originalmente publicado na coletânea *Héritier, et après?*, organizada por Jean Birnbaum, Éditions Gallimard, 2017. Trata-se de uma apresentação no 28º *Forum Philo Le Monde/Le Mans*, ocorrida entre os dias 4 e 6 de novembro de 2016 na *Université Le Mans*, sob a direção de Jean Birnbaum (cf. <https://umotion.univ-lemans.fr/forum-le-monde-le-mans/2016-heritier-et-apres/video/0626-une-question-posee-par-les-enfants/>).

<sup>2</sup> Georges Canguilhem, «*Qu'est-ce que la psychologie?*», in *Études d'histoire et de philosophie des sciences*, Paris, Vrin, 1994, p. 381.

<sup>3</sup> O termo *Munichois* designa os partidários dos Acordos de Munique (1938). Em sentido figurado, indica a fraqueza e renúncia dos representantes das democracias ocidentais frente ao avanço do nazi-fascismo (Nota da tradução).

<sup>4</sup> Virginia Woolf, *Trois Guinéas*, trad. Viviane Forrester, Paris, 10/18, 2002, p. 116.

<sup>5</sup> Davi Kopenawa et Bruce Albert, *La Chute du ciel. Paroles d'un chaman yanomami*, Paris, Plon, coll. Terre humaine, 2010, p. 284 (nouv. éd. Pocket, coll. Terre humaine poche, 2014).